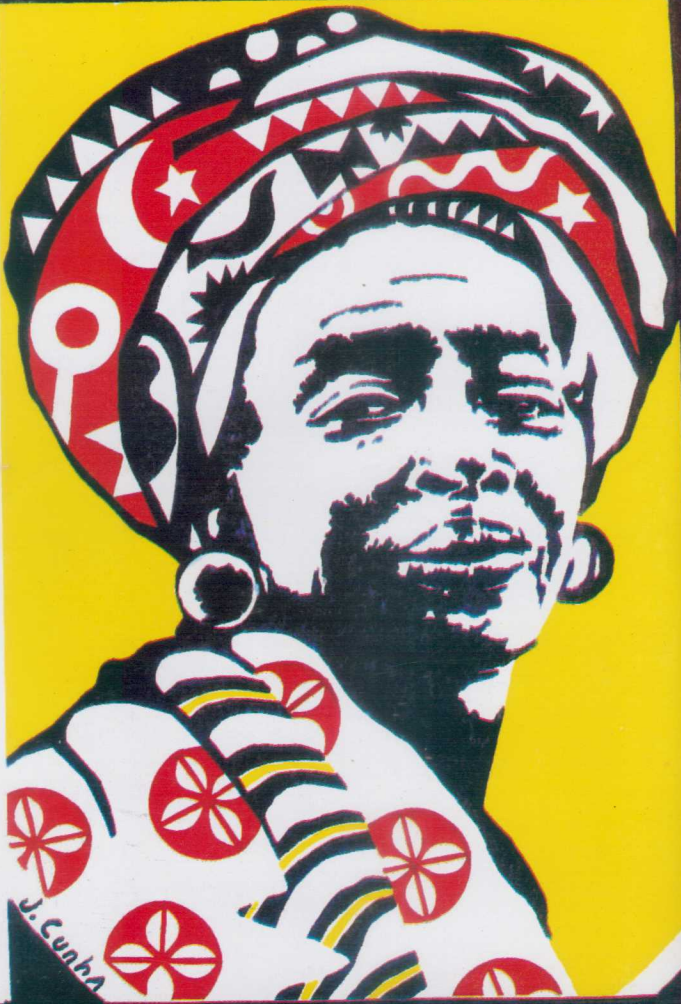


2004

CADERNO DE EDUCAÇÃO

MÃE HILDA JITOZU  
GUARDIÃ DA FÉE DA TRADIÇÃO AFRICANA



J. Cunha



PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê

# MÃE HILDA JITOLU

GUARDIÃ DA FÉ E DA  
TRADIÇÃO AFRICANA

VOLUME XII

SALVADOR - 2004



PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA



PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê

MÃE HILDA  
JITOLU

GUARDIÃ DA RÊ E DA  
TRADIÇÃO AFRICANA

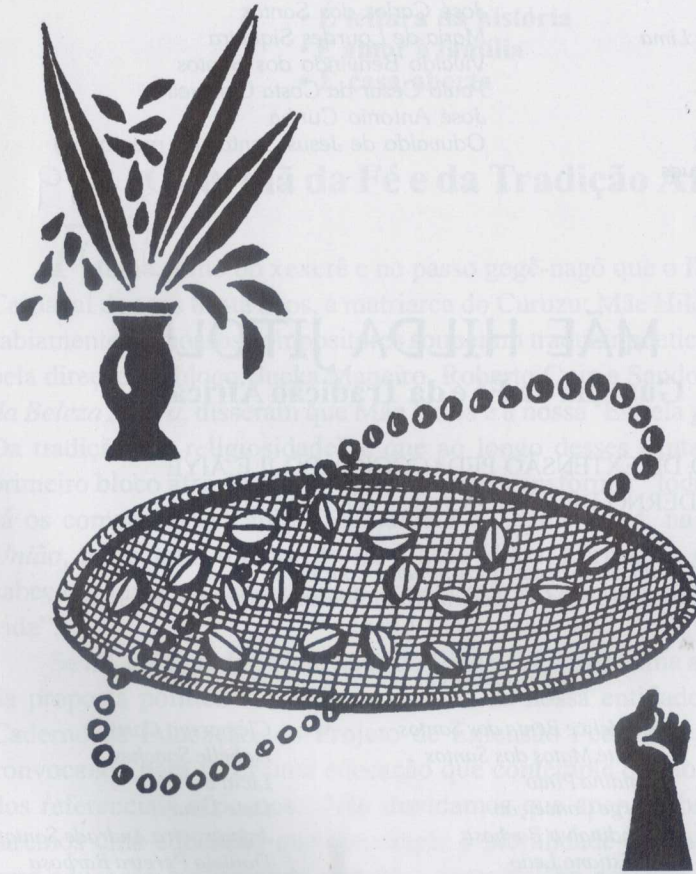
VOLUME XII

SALVADOR - 2004



para

Hildemária Georgina dos Santos



PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA

# Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Sede:

Rua do Curuzu, 228 – Liberdade – CEP 40365-000

Salvador – Bahia – Brasil

Telefone: (71) 388.4969/256.1013 - Telefax: (71) 256.1270

Site: [www.ileaiye.com.br](http://www.ileaiye.com.br) - E-mail: [ileaiye@uol.com.br](mailto:ileaiye@uol.com.br) e [bandaiye@aol.com](mailto:bandaiye@aol.com)



Diretoria:

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)  
Antônio Carlos dos Santos Vovô - Presidente  
Fernando Ferreira de Andrade Filho  
Dário da Páscoa  
Jônatas Conceição da Silva  
Hildete Valdevina dos Santos Lima  
Edson Tobias de Matos  
Wilson Batista dos Santos  
Osvalrízio do Espírito Santo  
Edmilson Lopes das Neves  
Roberto dos Santos Rodrigues

Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (in memorian)  
Aliomar de Jesus Almeida - Vice-presidente  
Arany Santana Neves Santos  
Elizete Matos dos Santos  
José Carlos dos Santos  
Maria de Lourdes Siqueira  
Vivaldo Benvindo dos Santos  
Paulo Cezar da Costa Cerqueira  
José Antonio Cunha  
Oduvaldo de Jesus Santos (in memorian)



## MÃE HILDA JITOLU Guardiã da Fé e da Tradição Africana

PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ  
CADERNO DE EDUCAÇÃO – VOLUME XII

Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição

Pesquisa e Textos: Maria de Lourdes Siqueira, Arany Santana e Jônatas Conceição  
Capa e Ilustração: J. Cunha

Educadores:

Ana Célia da Silva  
Jaime Sodré  
Durvalina Cerqueira  
Edmilson da Mota  
Jô Guimarães  
Sandro Teles  
Iara da Silva Magalhães

Hildelice Benta dos Santos  
Eliete Matos dos Santos  
Valdina Pinto  
Jorge Conceição  
Lindinalva Barbosa  
Cristiano Leão  
Maria de Lourdes Siqueira

Clêmeron Correia  
Isabelle Sanches  
Lícia Barbosa  
Dete Lima  
Jaguaracira Andrade Santos  
Daniela Pereira Barbosa  
Raílda Barbosa Costa

Produção: Via Direta Comunicação Ltda. Coordenador: Benneh Amorin  
Editoração e Diagramação: Helida Rocha - Impressão: Venture Gráfica



# MÃE HILDA JITOLU

## Estrela Guia da Comunidade Negra Ilê Aiyê

### Jitolu

- É digna
- É sabedoria
- É fé
- É inteligência
- É responsabilidade social
- É orientação
- É leitura da história
- É amor à família
- É casa aberta

### Guardiã da Fé e da Tradição Africana

Foi no ritmo do xexerê e no passo gegê-nagô que o Ilê Aiyê homenageou no Carnaval de seus trinta anos, a matriarca do Curuzu: Mãe Hilda Jitolu. Mais uma vez, sabiamente, os nossos compositores souberam traduzir poeticamente o tema proposto pela direção do bloco. Jucka Maneiro, Roberto Cruz e Sandoval na música, *Guardiã da Beleza Negra*, disseram que Mãe Hilda é a nossa ‘Estrela guia/Dona da sabedoria/Da tradição, da religiosidade’ e que ao longo desses trinta anos de existência do primeiro bloco afro do Brasil ela conseguiu transformar “todos os espinhos em flor”. Já os compositores campeões, Lafaete e Cosme Silva, na canção *Força, Raça e União*, traduziram o amor do Ilê à Mãe Hilda, afirmando que o bloco cantava de cabeça erguida em homenagem àquela que é “A nossa estrela negra, exemplo de vida”.

Se o Carnaval dos trinta anos do Ilê Aiyê foi mais uma amostra da consolidação da proposta político-cultural e educativa da nossa entidade, nesta nova edição do Caderno de Educação, do Projeto de Extensão Pedagógica, vamos continuar lhe convocando para fazer uma educação que contemple os saberes produzidos a partir dos referenciais africanos. Não duvidamos que apenas absorvendo esses saberes, faremos uma educação que contemple a pluralidade do País. Mas queremos fazer uma educação reafirmando sempre a contribuição decisiva que os descendentes de africanos deram para a construção deste País.

Salvador, junho de 2004

A Coordenação do PEP do Ilê Aiyê



# Mãe Hilda Jitolu

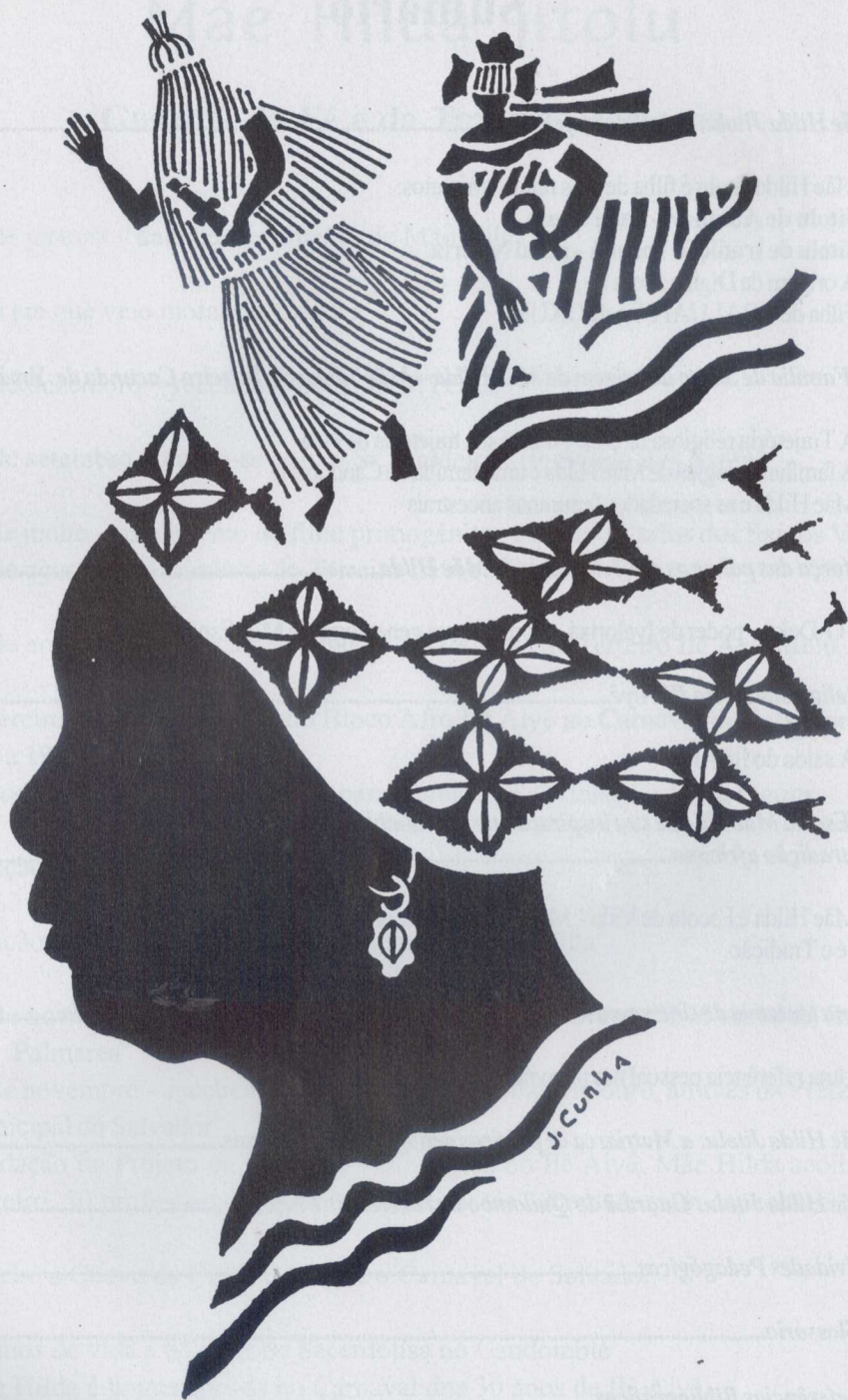
## Guardiã da Fé e da Tradição Africana

- 1923  
06 de janeiro – data de nascimento de Mãe Hilda
- 1936  
Ano em que veio morar no Curuzu
- 1942  
24 de dezembro – recebeu o nome de JITOLU
- 1950  
06 de setembro – casou-se com o Sr. Waldemar Benvindo dos Santos
- 1952  
14 de junho – nascimento do filho primogênito - Antônio Carlos dos Santos Vovô  
06 de agosto - nascimento do Terreiro Ilê Axé Jitolu
- 1974  
01 de novembro – criação do Bloco Afro Ilê Aiyê no Terreiro Ilê Axé Jitolu
- 1975  
Fevereiro – primeiro desfile do Bloco Afro Ilê Aiyê no Carnaval de Salvador
- 1981 a 1986  
Período da Obrigação de Axexê para Zumbi dos Palmares – Baba Ogum
- 1988  
Criação da Escola Mãe Hilda
- 1993  
Criação do Cartão Postal em homenagem a Mãe Hilda
- 1995  
20 de novembro – viagem a Serra da Barriga para o evento “300 Anos de Zumbi dos Palmares”  
20 de novembro – recebeu a Medalha Dois de Julho, em ouro, através da Prefeitura Municipal do Salvador  
Fundação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Mãe Hilda acolhe no Terreiro, 50 professores das escolas públicas da Liberdade para capacitação.
- 2001  
Recebe a Chave da Cidade durante o Carnaval de Salvador
- 2004  
81 anos de vida e 65 anos de Sacerdotisa no Candomblé  
Mãe Hilda é homenageada no Carnaval dos 30 anos de Ilê Aiyê.

## Sumário

1. <i>Mãe Hilda Jitolu: origem e trajetória</i> .....	9
• Mãe Hilda Jitolu é filha de dois reinos africanos: • <b>Jitolu de Abomey – atual Benin</b> • <b>Jitolu de tradição Yorubá – atual Nigéria</b> • A origem da Diginá Jitolu • Filha de OBALUAIYÊ e de OXUM	
2. <i>A Família de Santo de origem de Mãe Hilda – Mãe Tança do Terreiro Cacunda de Yayá</i> .....	15
• A Trajetória religiosa de Mãe Hilda é sua trajetória de vida • A família biológica de Mãe Hilda é uma família de Candomblé • Mãe Hilda e as sociedades femininas ancestrais	
3. <i>A força das palavras e ações rituais de Mãe Hilda</i> .....	20
• O Deká – poder de Iyalorixá, a força de sua genealogia de Mãe Espiritual	
4. <i>Religiosidade no Ilê Aiyê</i> .....	23
• A saída do Ilê Aiyê	
5. <i>A Escola Mãe Hilda e sua inspiração no candomblé: Uma continuidade da tradição africana</i> .....	25
• Mãe Hilda é Escola de Vida - Mãe Hilda faz Escola no cotidiano: Fé e Tradição	
6. <i>Uma tentativa de síntese entre o pensamento africano e a trajetória de Mãe Hilda</i> .....	26
• Uma referência pessoal nas palavras da própria Mãe Hilda.	
7. <i>Mãe Hilda Jitolu: a Matriarca de práticas pedagógicas ancestrais</i> .....	30
8. <i>Mãe Hilda Jitolu: Guardiã do Quilombo da resistência e beleza</i> .....	36
9. <i>Atividades Pedagógicas</i> .....	43
10. <i>Glossário</i> .....	45
11. <i>Referências Bibliográficas</i> .....	46





## 1. MÃE HILDA JITOLU: ORIGEM E TRAJETÓRIA

A trajetória de vida religiosa de Mãe Hilda é a trajetória da sua própria vida, afirmou Vivaldo Benvindo, filho de Mãe Hilda e Diretor do Ilê Aiyê. Nascida na Quinta das Beatas, Brotas, ela vem aos treze anos para o Curuzu e aqui ela realiza uma história de vida, recria uma cultura, abrindo para o futuro um caminho brilhante, centrado na fé, na tradição, na religiosidade. Ela sempre inspirada pela herança africana: sua origem, sua trajetória, seu legado, sua vida.

Mãe Hilda recebeu e multiplicou os talentos, os dons, a sabedoria, a força da fé e da tradição africana.

A ancestralidade africana legou à Mãe Hilda essa tradição religiosa. A origem de Mãe Hilda vem de dois reinos tradicionais africanos.

### MÃE HILDA É FILHA DE DOIS REINOS AFRICANOS

- Jitolu do antigo Reino de Abomey - atual Benin
- Jitolu do antigo Reino Yorubá - atual Nigéria

**Mãe Hilda é filha de OBALUAIYÊ - O VELHO** - O filho do santo, o rei e proprietário da terra, aquele que tem o dom da cura, aquele que tem o dom do conselho. Aquele que cria, renova, reorienta o sentido das diferentes dimensões da vida e da espiritualidade. OBALUAIYÊ é também Omolu mais usado no Ketu/Nagô. Para alguns antigos, OBALUAIYÊ é Omolu e também Kigongo.

OBALUAIYÊ é o principal responsável pela saúde. Médico que cuida do corpo e da alma das pessoas, por isso tem poderes inimagináveis. Ele desperta nas pessoas o dom da renovação, do crescimento, do trabalho, da reflexão, da crença no sagrado, no divino, na esperança e coragem de acreditar no seu Orixá e acreditar na vida. As pessoas crescem sob o poder e orientações das lições de OBALUAIYÊ.

OBALUAIYÊ, Omolu ou Kigongo, estabelece uma relação dinâmica com a sociedade. Ele faz acreditar em segredos que não revela, mas existem e dão força, que animam as pessoas às iniciativas e a realizar os processos de construção social, cultural e espiritual.

**Mãe Hilda é filha de OXUM**, ela vem de Abeokuta, cidade vizinha de Ifé, de Ibadan, de Ibó, de Oyó, Ilorin, Ileshá, Egbá, todas de língua Yorubá, com seus Alafins.

As terras de Oxum ficam nos tradicionais vergéis do Golfo do Benin, hoje Nigéria. Oxum tem suas lendas, seus kekés, seus bantés, suas jóias, suas sedas, seu colorido amarelo-ouro, seus perfumes, a precisão dos seus passos, dizendo a sua verdade a todos os cantos, com sua voz entre tons graves e agudos segundo a circunstância que sua missão solicita, sempre guiada por OLORUN, inspirada por IFÁ.



## Oxum é Juntó de Jitolu.

Oxum colocou nas mãos de Mãe Hilda força, graça, ternura, beleza, sabedoria e compromisso. Com estes dons Mãe Hilda transforma tudo em **Água Viva**, em seiva que fecunda o bem, a prosperidade, a orientação, o conselho, a palavra amiga, a atenção especial que ela dedica a cada pessoa segundo suas necessidades.

Mãe Hilda tem mãos abençoadas com as quais ela soma às suas palavras de voz macia, gestos nobres que constituem momentos de transformação do **natural ao sagrado**. Ela tem poderes para abençoar a natureza com a força dos VODUNS.

Todos os povos que constituem a origem africana da espiritualidade de Mãe Hilda fizeram o processo de travessias que o povo negro realizava entre as águas do Rio Nilo, do Mar Vermelho, num movimento cultural e religioso que unia Egito, Líbia, Abissínia, Sudão, Etiópia, Eritreia, a região dos Grandes Lagos.

Toda esta trajetória se passa entre grandes reinos conhecidos e que relembram nossas origens:

- Abomey
- Benin
- Yorubá
- Congo
- Angola
- Moçambique
- Zimbabwe
- Mali
- Ghana
- Shongai

GRANDES TEMPLOS que se recriam nos espaços da DIÁSPORA NEGRA:

- Abeokutá
- Tombuctu
- Djené
- Templo de Isis
- Oyó
- Ketu
- Pobé

## Força, Raça e União

Lafaete e Cosme Silva

*A força da união da raça Ilê  
Bato no peito canto de cabeça erguida  
Em homenagem a Mãe Hilda Jitolu  
A nossa estrela negra exemplo de vida*

*Filha de Obaluaiyê  
Oxum é o seu juntó  
Que vem lá de Abeokutá  
Cidade vizinha de Ifê e Oyó  
Foi com muita gentileza  
Mãe Hilda recebeu o Deká  
Das mãos de Constância Mãe Tança  
No Terreiro Cacunda de Yayá  
Filha de dois grandes reinos  
Abomey e Yorubá  
Que tem muitas confluências  
Agora vou lhe mostrar*

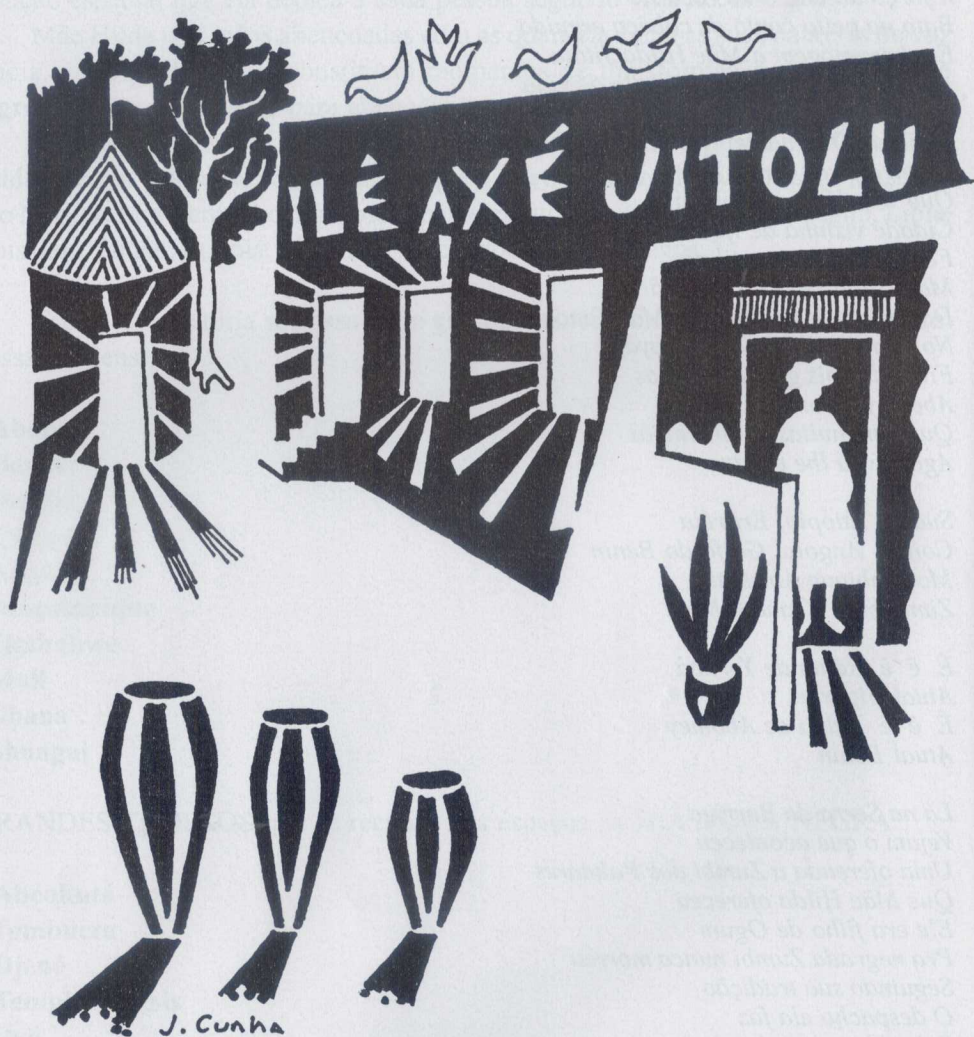
*Sudão, Etiópia, Eritreia  
Congo, Angola, Golfo do Benin  
Moçambique Abissínia  
Zimbabwe, Gana e Mali*

*Ê ê ê Reino de Yorubá  
Atual Nigéria  
Ê ê ê Reino de Abomey  
Atual Benin*

*Lá na Serra da Barriga  
Vejam o que aconteceu  
Uma oferenda a Zumbi dos Palmares  
Que Mãe Hilda ofereceu  
Ele era filho de Ogum  
Pra negrada Zumbi nunca morreu  
Seguindo sua tradição  
O despacho ela faz  
Soltando as pombas brancas  
Pedindo axé, amor e paz*

*É Mãe Hilda Jitolu  
Cinqüenta anos de axé  
Trinta de Ilê  
Subindo o Curuzu*





## A ORIGEM DA DIGNA JITOLU

O **Orukó** que ela recebeu na saída do **Ronkó** é a **Digna Jitolu**, nome pelo qual **OBALUAIYÊ** seu pai, rei do Dahomé é conhecido lá na terra do Gêge, que lhe dá origem.

Seu Terreiro é **Gêge-Nagô** como as duas divindades que constituem a orientação de sua cabeça.

Filha de **OBALUAIYÊ** e **OXUM**, Mãe Hilda tem suas origens religiosas a partir de dois grandes reinos africanos tradicionais:

- Ela é povo de Abomey – atual Benin
- Ela é povo de Yorubá – atual Nigéria

Seus caminhos passam por todos os Reinos que nascem e se recriam na história e na cultura da terra que vem das etnias que aqui se reuniram em torno de uma categorização que alguns denominam **SUDANESES** e **BANTUS**.

Mãe Hilda é filha dos grandes Reinos, de todas as confluências, de todos os povos que vem do Egito, do Sudão, da Etiópia, da Abissínia, da Eritreia, do Golfo do Benin, do Congo, de Angola, de Moçambique, Zimbabwe, Ghana e Mali.

### EM SÍNTESE: MÃE HILDA É FILHA DE OBALUAIYÊ E OXUM

Mãe Hilda é filha de **OBALUAIYÊ**, que vem do reino de Abomey, lá do Dahomé, rei do povo **Ewé**, que vem de Savalu e fala a língua **FON**.

Mãe Hilda tem a proteção de **OXUM**, que juntamente com o velho **OBALUAIYÊ** têm a presidência da sua cabeça – seu **Ori**. **OXUM** vem do Reino Yorubá, que nasce no Golfo do Benin, hoje República da Nigéria.

É da confluência desses reinos, destes povos, destas linguagens concretas e simbólicas que nascem os lugares sagrados a exemplo de Tombuctu, Abeokutá, Zimbabwe, Ketu, Calhari, Ifé, Djené. Lugares guardiões da tradição africana, ainda hoje preservada em muitos de seus aspectos e entre muitos de seus povos que reúnem o mais nobre da grandeza africana: o pensamento e o sentimento, geradores da sabedoria milenar, que vem dos nossos ancestrais e antepassados.

A vida de Mãe Hilda é guiada por essa sabedoria no seu dia-a-dia. Ela participa do gênio da civilização e da cultura africana e transmite em forma de testemunho, de exemplo, de lições de vida em profundidade os conhecimentos que ela repassa com alegria e responsabilidade.

Mãe Hilda tem a arte da palavra, e a arte do pensamento, que ela articula nos momentos de formação, de apoio, de orientação, de aprendizagem.





## É ELA

Valmir Brito e Alberto Pitta

*É ela, é ela, é ela  
A flor de Mãe Hilda é mais bela  
É ela  
É ela, é ela, é ela  
O amor de mãe que te espera*

*Iyalorixá Jitolu  
Pai Olorum modudé  
Iyalorixá Jitolu, axé  
Iyalorixá Jitolu  
O amor de mãe que fascina  
Me ensina mãe  
Me ensina, me ilumina*

*É exemplo de vida  
O Ilê nos convida  
Feliz, vou cantar  
Parabéns pra você*

*E na Liberdade  
Fez a mocidade descobrir  
No seu mundo, prazer  
E a arte a história  
Da gente não cabem nas mãos  
Nascido além do ventre livre  
Vovô do Ilê fez a revolução*

*E a história da gente  
Não há nada que possa apagar  
E na passarela  
É o povo que espera  
Na lente do mundo  
O Ilê desfilar*

*E na passarela  
É o povo que espera  
Na lente do mundo  
Ilê Aiyê passar*

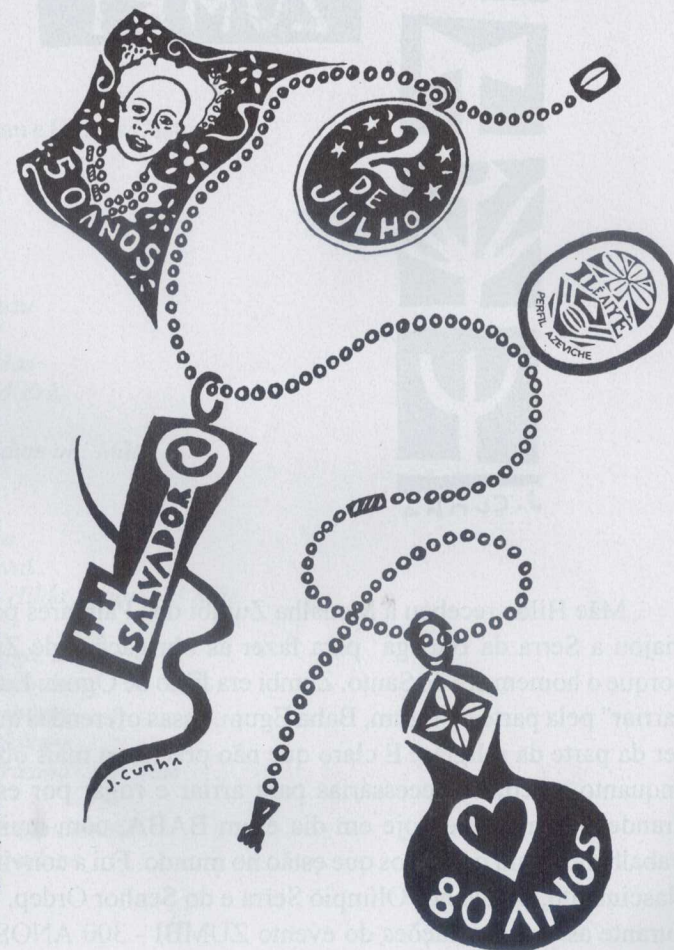
## 2. A FAMÍLIA DE SANTO DE ORIGEM DE MÃE HILDA - MÃE TANÇA DO TERREIRO CACUNDA DE YAYÁ

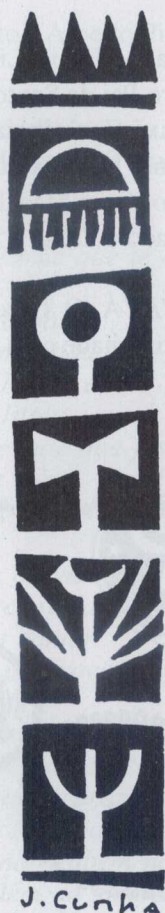
Seu primeiro ritual de iniciação foi realizado por Cassiano Manoel Lima, da Nação Gêge-Marin, e por ocasião da passagem de seu primeiro Pai de Santo, do **Ilê** ao **Orun**, Mãe Hilda passa aos cuidados espirituais da Iyalorixá Constância da Rocha Pires - **Mãe Tança**, cuja Digna era **Ajauci**, filha de Nanã, Iyalorixá do Terreiro Cacunda de Yayá, que vem de Santo Amaro da Purificação. Com Mãe Tança, Mãe Hilda faz todas as suas obrigações na Nação Gêge, incluindo o **Deká** - poderes de Iyalorixá, Mãe de Santo.

Seu Terreiro de origem é portanto CACUNDA DE YAYÁ. O Terreiro de origem de Mãe Hilda com a passagem de Mãe Tança tem continuidade com a Iyalorixá Maria Pires Cerqueira, filha de Oxum, iniciada por Mãe Tança, cuja Digna era **Ominiqué**, tendo como **Pegigan** Pedro Alcântara Rocha, o popular Pedrinho, filho de Ogum, agraciado com a Digna **Ogum Leié**.

Mãe Hilda tem todas as suas obrigações religiosas, incluindo as obrigações de 50 (cinquenta anos de santo), realizadas no ritual de sua iniciação.

As obrigações de Candomblé que dão ênfase ao seu status religioso na tradição africana, são reconhecidas socialmente pelos títulos civis que recebe através de Medalhas de Ouro e de Honra: **Medalha Dois de Julho** da Prefeitura do Salvador e **Medalha Zumbi dos Palmares**.





J. Cunha



Mãe Hilda recebeu a Medalha Zumbi dos Palmares porque a partir de 1981 ela viajou a Serra da Barriga para fazer as obrigações de Zumbi dos Palmares. "Fui porque o homem era de Santo. Zumbi era filho de Ogum. Eu fui fazer umas oferendas, "arriar" pela parte de Egum, Baba Egum, essas oferendas que se faz quando "vai" um ser da parte da religião. É claro que não precisava mais obrigação de "Axexê", mas enquanto as coisas necessárias para arriar e rogar por esse homem, que foi uma grande figura, e que hoje em dia é um BABÁ, com muita força e muita energia, trabalhando para os negros que estão no mundo. Fui a convite do Deputado Abdias do Nascimento, do Senhor Olímpio Serra e do Senhor Ordep, e só retornei lá, em 1995, durante as comemorações do evento ZUMBI - 300 ANOS".

## A TRAJETÓRIA RELIGIOSA DE MÃE HILDA É SUA TRAJETÓRIA DE VIDA

A trajetória religiosa de Mãe Hilda é a vida cotidiana na qual tudo se inspira, nos ensinamentos, na fé e na transmissão da espiritualidade, da religiosidade.

Mãe Hilda nasceu no bairro de Brotas, na Quinta das Beatas, hoje Cosme de Farias.

Viveu com seus pais na Quinta das Beatas, depois se mudaram para a Cidade Nova e em 1936 a família chega ao Curuzu. Aí cresceu, tornou-se conhecida, casou-se com o Senhor Waldemar Benvindo dos Santos. Tiveram seis filhos dos quais quatro estão vivos e em sua companhia. Antonio Carlos Vovô, Dete, Vivaldo e Hildelice. Todos são de Candomblé. Aprenderam desde criança a conviver com a realidade. Desde cedo viam, ouviam, acompanhavam os rituais. O Senhor Waldemar freqüentava, acreditava e tinha muito respeito pelo Candomblé.

### ANTOLOGIA POÉTICA

#### COMANDO DOCE

Juraci Tavares, Luís Bacalhau e Ulisses Castro

*Nigéria, Abeokutá, Brotas  
Brotas com muito encanto  
Hilda Dias dos Santos  
Ano vinte e três com altivez  
Quinta das Beatas pro Curuzu*

*Flor bela abriu nossas janelas  
Escola Jitolu, Ilê Aiyê, Band'Erê,  
Terreiro jeje-nagô Jitolu  
Casa própria de Orixá e vodum oh! Mãe*

*Obaluaiyê, Oxum, Ilê Aiyê  
Trindade cheia, homenagem  
Tronco central além Carnaval  
História viva, Curuzu, Mãe Hilda Jitolu oh! Mãe*

*Ojá, pano da costa, saia meiga, seda  
Mãe Hilda mão das raízes infindas  
Ancestralidade viva, octogenária  
Jóia rara, antiga-contemporânea  
Guardiã, nobre, herança africana oh! Mãe*

*Iyá Hilda Jitolu, Obaluaiyê Candomblé  
Meu tripé minha Mãe Hilda adupé  
Meu Terreiro Jitolu adupé  
Adupé, Obaluaiyê, xirê  
Meus trinta anos, Ilê Aiyê*



# A FAMÍLIA BIOLÓGICA DE MÃE HILDA É UMA FAMÍLIA DE CANDOMBLÉ

## O primeiro filho:

**Antônio Carlos dos Santos – Vovô – Presidente e fundador do Ilê Aiyê, filho de Oxalá, Ogan de OBALUAIYÊ.**

*“Eu tenho uma vantagem sobre a maioria dos filhos de famílias negras da Bahia. Pois sempre soube ser um descendente da Família Negra de “Lá”.*

*“Sempre fui orientado a procurar ser sempre melhor em todos os sentidos, pois negro sempre é vilão, e eles nunca se preocupam conosco, e por isso faço minha parte e tenho tanto orgulho dessa minha formação de categoria em negritude”.*

*“Obrigado Mãe, por ter formado esse produto que mudou a cara e a cabeça da Bahia”.*

Antônio Carlos Vovô – Ilê Aiyê

## A segunda filha:

**Hildete Santos Lima**, Diretora fundadora do ILÊ AIYÊ, artista plástica, criou trançados, turbantes, amarrações, figurinos, cortejos e coreografias. São estes símbolos, signos que constituem a imagem artística e cultural do Ilê Aiyê, formando parte do conjunto: **imagem, ritmo, ijexá, canto negro**. Originais, criados por todos os fundadores do Ilê Aiyê.

**Dete Lima é Ekedí de Oxum no Ilê Axé Jitolu.**

## O terceiro filho:

**Vivaldo Benvindo dos Santos**. Diretor do Ilê, ao lado do Presidente e Vice-Presidente do Bloco, tem a função de coordenação das ações artísticas, culturais do bloco. **Vivaldo é Ogan do Ilê Axé Jitolu, filho de Logum Edé.**

## A quarta filha:

Em 2003, Mãe Hilda perdeu a sua filha Hildemária Georgina dos Santos. Ela estudou no Rio de Janeiro. Foi fundadora da Escola Mãe Hilda e funcionária pública. Filha de Oxossi do Ilê Axé Jitolu, confirmada Iyalorixá, recebeu Deká no ano 2002 com a orientação de Mãe Hilda.

## A quinta filha

Hildelice Benta dos Santos, professora, diretora e fundadora da Escola Mãe Hilda. Filha de Oxalá, cumpriu obrigação ritual de sete anos no Ilê Axé Jitolu, dia 05 de julho de 2003.

Seguindo estas trajetórias, os filhos e as filhas de Mãe Hilda que participavam pouco a pouco do Candomblé foram se tornando **Ekedí, Ogans, Filhas de Santo e Mãe de Santo**. Todos iniciados, confirmados e com suas obrigações realizadas para OBALUAIYÊ, **Oxum, Oxalá, Logum Edé e Oxossi**.

## MÃE HILDA E AS SOCIEDADES FEMININAS ANCESTRAIS

Mãe Hilda recebeu das Sociedades Femininas Africanas o legado e o direito de preparar-se para ser **Mãe Espiritual, Estrela Guia, Iyalorixá**. Ela foi escolhida para ser seguidora e guardiã da herança africana de nossas Mães ancestrais:

- Mawu – Mãe de todos os Vodus
- Ezeli – Mãe de filhas guerreiras e filhos guerreiros
- Nzamê, Maberê, Kuabá – que reúnem-se para idealizar a figura masculina para lhes fazer campanha.
- Nassissim – os olhos da alma, o ponto brilhante do fundo do olho.
- Bongué – cuja alma é Nassissim
- Nyamê – o lado feminino da divindade Akan
- Wagadu – aquela que permanecerá viva. Os alaúdes do SAHEL cantam para ela.
- Nzambi – entidade maior dos Bakongos
- Nalunga – entidade maior dos Bassongas
- Kilemdé – árvore da vida dos bantus
- Geledés – Sociedade secreta de mulheres do Reino Yorubá

Estas divindades femininas **existem desde que o mundo é mundo**. Elas vêm de todos os horizontes e são eleitas estrelas guias de todos os lugares, onde são identificadas pelo seu direito e destino de serem Mães.

É delas que Mãe Hilda recebe valores, crenças para continuar a tradição entre mitos e rituais, entre celebrações de contos, lendas, mistérios que falam da vida de antigamente quando reis, rainhas, chefes tradicionais, griots, babalaows, viviam entre seus povos e lhes ensinavam a viver e guardar a tradição.

Mãe Hilda é síntese de todas essas categorias. Ela foi iniciada aos vinte anos de idade, e depois constituiu sua família de Santo. Criou seu Terreiro. Dezesesseis anos depois, o tempo que durou seu aprendizado de iniciação e seu tempo de obrigações, ela recebeu o DEKÁ.

Sua primeira iniciação começou no mês de outubro e ela recebeu o nome Jitolu no dia 24 de dezembro de 1942.



### 3. A FORÇA DA PALAVRA E AÇÕES RITUAIS DE MÃE HILDA

**Pepelê, Ronkó, Camarinha, Casa de Caboclo** são templos sagrados transformados, construídos por palavras, gestos, cantos e celebrações realizados, coordenados e orientados pelos saberes, pela fé e tradição que Mãe Hilda carrega com ela desde seus vinte anos de idade, quando ela entra para ser iniciada.

Todas essas **mitologias** e **ritualidades** transparecem na **liturgia** que se apresenta no **Barracão do Ilê Axé Jitolu** com a entrada triunfal do cortejo de Derés, Ogans, filhas e filhos de Santo, no ritmo do **xexerê** de Mãe Hilda com seu passo gêge-nagô, louvando a todos os Voduns, anunciando as celebrações rituais, que vão ser realizadas publicamente, após longos dias de preparação, entre rezas, cantigas e ações de purificação para que o vodum homenageado tudo receba com aprovação e alegria.



### SEU DEKÁ – SUA GENEALOGIA DE MÃE ESPIRITUAL IYALORIXÁ

Mãe Hilda recebeu Deká que lhe deu o direito de ser Mãe de Santo, Iyalorixá, o mesmo que **Nengua, Rumbona** ou **Guaiacu**. Mãe Hilda tem no Terreiro sua segunda pessoa, a Iyakekerê, Mãe Pequena da casa - Mãe Mariá.

O seu Terreiro que nasceu depois que ela recebeu o Deká tem o nome de **Axé Jitolu** em homenagem ao nome do Pai e do nome que recebeu na sua iniciação.

Hoje o Terreiro tem uma Sociedade Civil denominada **Sociedade dos Filhos de São Lázaro**.

Entre o Terreiro e a Sociedade Mãe Hilda tem a casa cheia. Ela reúne ao longo de sua trajetória de vida e religiosidade:

- Filhas e filhos de santos, além de filhas e filhos que fazem **Bori**, fazem obrigações – “todos estão vivendo”, aqui ou em suas “**casas novas**” que correspondem às casas de filhas de Mãe Hilda, que recebem o Deká, dado por ela, e com a benção, e proteção da Mãe de Santo e dos Voduns abrem seus próprios Terreiros, sempre filiados à sua casa de origem, o **Ilê Axé Jitolu** que lhe dá a **referência de sua linhagem na ancestralidade africana**. Já são cinquenta filhas (os) de Santo.

- Ogans suspensos e confirmados
- Ekedis ou Derés suspensas e confirmadas

As principais celebrações rituais que constituem seu calendário fixo:

- Águas de OXALÁ - em janeiro
- Festa de OBALUAIYÊ - dia 16 de agosto
- Festa do CABOCLO TUPIASSU - dia 07 setembro

Mãe Hilda relembra músicas que se referem ao Curuzu, ao Ilê Axé Jitolu, ao Ilê Aiyê. Ela aprecia, relembra as letras destas músicas que a homenageiam.

**Neguinho do Samba** afirmou certa vez: “aprendi a tocar no Candomblé de Dona Hilda”.

Mãe Hilda transmite em cada gesto seu um exemplo, uma lição, uma curiosidade. Ela ensina sempre pelo seu testemunho de vida. Ela tem o charme, o encantamento de uma pessoa poderosa, virtuosa, de talento, de fé, de uma educadora.

Ela disse que o Ilê Aiyê e o Jitolu são uma **CASA DE CULTURA**.

O trabalho de Mãe Hilda cria o bem, o bem-estar, a saúde, a prosperidade, a espiritualidade, dá vida, esperança, segurança, confiança.

Mãe Hilda testemunha a cada passo que a Religião Africana, dos **Orixás, Inquinces, Voduns, Caboclos** e **Eguns** só leva a pessoa a **crescer, a nascer de novo, a se fortalecer** para a vida num outro patamar, no nível mais alto de suas potencialidades.



## Matriarca do Curuzu

Paulo Natividade

*Mona odara Mãe*

*Hilda Jitolu*

*Filha de Obaluaiyê*

*Juntó com Oxum*

*Ê Jitolu, Jitolu*

*Ê..... Jitolu*

*Olorum Mossifu*

*Ê..... Jitolu*

*Motumbá Mokuiú*

*Matriarca do Curuzu, Mãe, Mãe*

*Hilda Jitolu*

*Patriarca Ilê Aiyê*

*Vem saudar você*

*Estrela guia, desde os tempos de criança*

*Lá na Quinta das Beatas*

*Ao Terreiro de Mãe Tança*

*No Cacunda de Yayá,*

*Onde tudo começou,*

*Mãe Hilda tirou Roncó,*

*Quando era Yaô*

*O seu babalorixá, foi do Aiyê ao Orun*

*Mãe Tança Ajauci, assume o seu ori*

*Faz todas obrigações, inclusive o Deká*

*Na nação Gege recebe os poderes de Iyalorixá*

*Tem Ekedis e Macotas*

*No desfile do Ilê,*

*Tem ogans e abians, derés e akekerês*

*Nossa guardiã da fé, de tradição africana*

*Vai fazer agorossi em prol de toda raça humana*

## 4. RELIGIOSIDADE NO ILÊ AIYÊ

No Ilê Aiyê ela é a **Mãe Maior, inspiradora, diretora, conselheira e apoio** em todas as horas, desde a decisão do seu filho mais velho Antônio Carlos dos Santos Vovô, que juntamente com Apolônio de Jesus, criou um **Bloco-Afro**. Ela participa da escolha do nome do Bloco, **ILÊ AIYÊ – CASA DE NEGROS** e ela aprova a escolha de todos.

O Ilê Aiyê nasce dentro do Terreiro de Mãe Hilda, no Ilê Axé Jitolu e ali permaneceu durante longos anos. Na casa de Mãe Hilda nasce e se estrutura o Ilê Aiyê por mais de 20 anos: Diretoria, Secretaria, Salão de Costura, recepção de associados, entrega de fantasia.

É neste mesmo espaço que nasce e funciona a Escola **Mãe Hilda**, a **Band'Erê**, o **Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê**, o **convênio com o Projeto Axé**, a **celebração do convênio com o Extra**. Tudo o que antecede a criação da **Sede do Ilê Aiyê**, se realiza com sua benção, seu apoio, incluindo seu **próprio trabalho cotidiano**.

### A SAÍDA DO ILÊ AIYÊ

É principalmente **uma CELEBRAÇÃO RELIGIOSA DE CANDOMBLÉ NO ILÊ AIYÊ**.

A Diretoria foi preparada por um ritual de purificação, as filhas de Santo, Derés, Ekedis, Ogans preparam, sob a orientação espiritual de Mãe Hilda, todos os objetos rituais necessários ao momento solene.

**A bateria composta de mais de cem percussionistas prostra-se num ato cultural-religioso, com seus tambores e agogôs, tocando o Ijexá, recebendo os associados, os convidados, representações políticas, imprensa, jornalistas, artistas locais, nacionais, internacionais, gente do mundo inteiro.**

Todos esperam o que Olorum desceu para ver: o **ILÊ PASSAR**, o **PIONEIRO**, o **MAIS BELO DOS BELOS**.

A hora é chegada, Mãe Hilda chega na sacada do seu sobrado – Terreiro – Residência – ex-sede do Ilê, acompanhada de um cortejo real de filhas de Santo, ostentando bacias de milho branco, pipoca e o que mais for necessário.

Ela e seu séquito saem rompendo a multidão de milhares de pessoas: **ABENÇOANDO O POVO TODO**, os músicos – percussionistas, a ala de canto, o grupo de dança, os carros com suas alegorias, a **RAINHA**, as ex-rainhas, associados e convidados.

Ao retornar dessa celebração ritual da benção, **distribuindo Axé, força vital** que unifica e fortalece a toda a comunidade, ela vai à sacada e em companhia do Presidente, da Diretoria, da Rainha e convidados especiais realiza a **REVOADA**



DOS POMBOS, em sinal de paz - pedindo paz. A bateria retoma o toque dos tambores, a ala de canto assume seu posto, e começa o desfile que vai a pé, da saída do Curuzu – da **Senzala do Barro Preto**, até a Liberdade.

São quilômetros e quilômetros de percurso, formando uma **coreografia singular** com as cores do bloco: vermelho, amarelo, branco e preto, vistas em **turbantes, amarrações, ritmo ijexá, canto negro e dança ijexá e nas alegorias do carro da Rainha.**

#### ANTOLOGIA POÉTICA

### Maravilha Negra

Valter Farias e Adailton Poesia

*África, ventre fértil do mundo  
Foi quem gerou o Ilê Aiyê*

*Existe um pedaço de nós  
Dentro de você Ilê*

*Ainda me lembro Ilê  
Do seu primeiro Carnaval  
Eram uns cem crioulos  
De cabelos black power  
Aquela maravilha negra  
Todos vestidos de canga  
E a gente admirava  
Essa entidade africana - Ilê Aiyê*

*São trinta anos de glórias  
Vou seguindo nessa trajetória  
E venho saudando Mãe Preta Hilda Jitolu  
Junto com a comunidade Liberdade - Curuzu  
Atabaques vão bater  
Anunciando essa festa  
Hoje a Bahia te abraça  
E canta pra você Ilê*

*Parabéns pra você Ilê Aiyê  
Parabéns pra você Ilê Aiyê  
Tu és o mais belo dos belos  
O mais querido é você Ilê*

### 5. A ESCOLA MÃE HILDA E SUA INSPIRAÇÃO NO CANDOMBLÉ: UMA CONTINUIDADE DA TRADIÇÃO AFRICANA

A **Escola Mãe Hilda** idealizada e criada por ela desde 1988 é uma continuidade de seu trabalho. Lá ela é educadora e a Diretora da Escola, que exerce suas funções articulando os saberes de suas escolas tradicionais: a educação de seus pais, desde a Quinta das Beatas e no Curuzu. A formação de sua Mãe de Santo, Mãe Tança no Cacunda de Yayá; a convivência com seus parentes, amigos, amigas – Mãe Maria, sua Iyakekerê, e suas vizinhas.

Na vida de Mãe Hilda tudo se entrelaça: **Família, Terreiro, Escola, Comunidade, portanto ética, religião, educação, direitos humanos, solidariedade, cidadania, auto-estima, orgulho de ser negra** e com toda dignidade.

Mãe Hilda convive com muitas personalidades do mundo social, do mundo político, do mundo negro, incluindo personalidades religiosas brasileiras, africanos, afro-americanos, Ministros de Estado, Embaixadores de países africanos, artistas consagrados nacional e internacionalmente, professores, cidadãos e cidadãos.

As crianças da Escola Mãe Hilda, as professoras, facilitadoras de aprendizagem sabem que a Diretora – fundadora é uma Iyalorixá, que a Escola funcionou, por muito tempo, em um Terreiro. Que em um Terreiro se celebram festas em homenagem aos Voduns e aos Caboclos; sabem que na casa onde funcionou a Escola tem altares, tem templos de Voduns e Caboclos. Sabem quem é OBALUAIYÊ, quem é Oxum, quem é Oxalá, quem é Oxossi, quem é Logun Edé, quem é Iansã, quem é Yemanjá - Mãe de todos os Orixás e Voduns.

#### MÃE HILDA É ESCOLA DE VIDA

Mãe Hilda faz Escola no cotidiano.

Mãe Hilda faz escola: no seio do Ilê Axé Jitolu. No seio do Ilê Aiyê.

Mãe Hilda criou uma Escola – A Escola Mãe Hilda onde é educadora, patrona e diretora.

Mãe de quatro filhos vivos – duas filhas e dois filhos que são de Candomblé.

Mãe de santo – tem filhas e filhos de santos, Ogans, Derés, Egbomes e Iyawôs

Mãe Espiritual do Ilê Aiyê

Patrona da Ban'Erê

Conselheira da Ban'Aiyê

Mãe, amiga, conselheira da Sociedade Baiana. Ouvida, respeitada, seguida por muitos, sua voz firme, calma, serena, altiva, macia, forte, simples, sábia: a gente bebe na fonte de suas palavras.

Ela guia sempre, orienta mesmo quando não pretende.

Ela sinaliza às vezes em parábolas.



Mãe Hilda é profundamente contemporânea e visceralmente tradicional, guardiã da herança africana.

Mãe Hilda recria em cada obrigação que realiza:

- O sentido do sagrado, seus mistérios e seus segredos
- O valor do humano negro
- O sentido dos valores espirituais africanos e afro-brasileiros

Ela cria em seu Terreiro objetos sagrados.

Ela consagra pessoas e as torna espiritualmente:

- Representações legítimas dos Voduns
- Guardiãs de novos templos – novos Terreiros
- Novos Ilês, novos Axés, Novas casas de Caboclos
- Novos Pegis, Novos Pepelês, Novos Ronkós, Novos Tabuleiros de IFÁ.

Uma nova IYAWÔ, uma nova EGBOME, um novo OGAN, uma nova DERÉ são pessoas negras que se transformam, se remodelam, se completam, se redescobrem na plenitude do valor que a própria pessoa tem, e deve assumir, assumir-se, reconhecer-se, valorizar-se, confiando na sua Mãe de Santo, que realiza a intermediação, o traço de união entre ela ou ele e o seu Vodun, seu guia, seu modelo, sua referência negra.

É nesse processo que Mãe Hilda é mestra – ela tem o poder da força que anima a pessoa a crescer, a ter fé, ter confiança na vida, sem medo da felicidade que a própria pessoa pode construir.

No Terreiro de Mãe Hilda tudo tem brilho, esplendor e força que se manifesta:

- Na beleza da configuração do espaço: Barracão
- Na afinação do canto – Ofé Irê, Ofé Irê, Ofé
- Na precisão do ritmo – gege-nagô
- Na coreografia dos passos de cada Vodunci
- Nas representações dos símbolos sagrados, que representam os ancestrais africanos e os antepassados brasileiros/nacionais, na decoração do Barracão, dos Pagés e dos Pepelês.

## 6. UMA TENTATIVA DE SÍNTESE ENTRE O PENSAMENTO AFRICANO E A TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA

Há um sistema de pensamento que inspira a religião africana no qual Mãe Hilda acredita, se formou a si própria e forma as pessoas que chegam perto dela.

Este sistema de pensamento africano envolve a vida em todas as suas dimensões:

- A Fé.
- A maneira de se relacionar com o sobrenatural, com outras dimensões da existência humana e com a natureza.
- A sabedoria dos ancestrais e dos antepassados.
- A inteligência para saber ler os acontecimentos e distinguir o bem e o mal.
- A coragem para descobrir suas próprias potencialidades – suas competências, seus valores, sua dignidade sendo negro.
- A força para enfrentar a vida cotidiana e ter confiança que a proteção dos Orixás, Inquinces, Voduns e Caboclos vai nos apoiar e nos orientar.
- A segurança no relacionamento com as heranças dos nossos antepassados, dos nossos ancestrais, o que significa ter firmeza na prática e no cultivo de nossos princípios, nossos valores, nossas lições, nossas experiências.

## UMA REFERÊNCIA PESSOAL NAS PALAVRAS DA PRÓPRIA MÃE HILDA

*“Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé e pratico a tradição do Candomblé”*

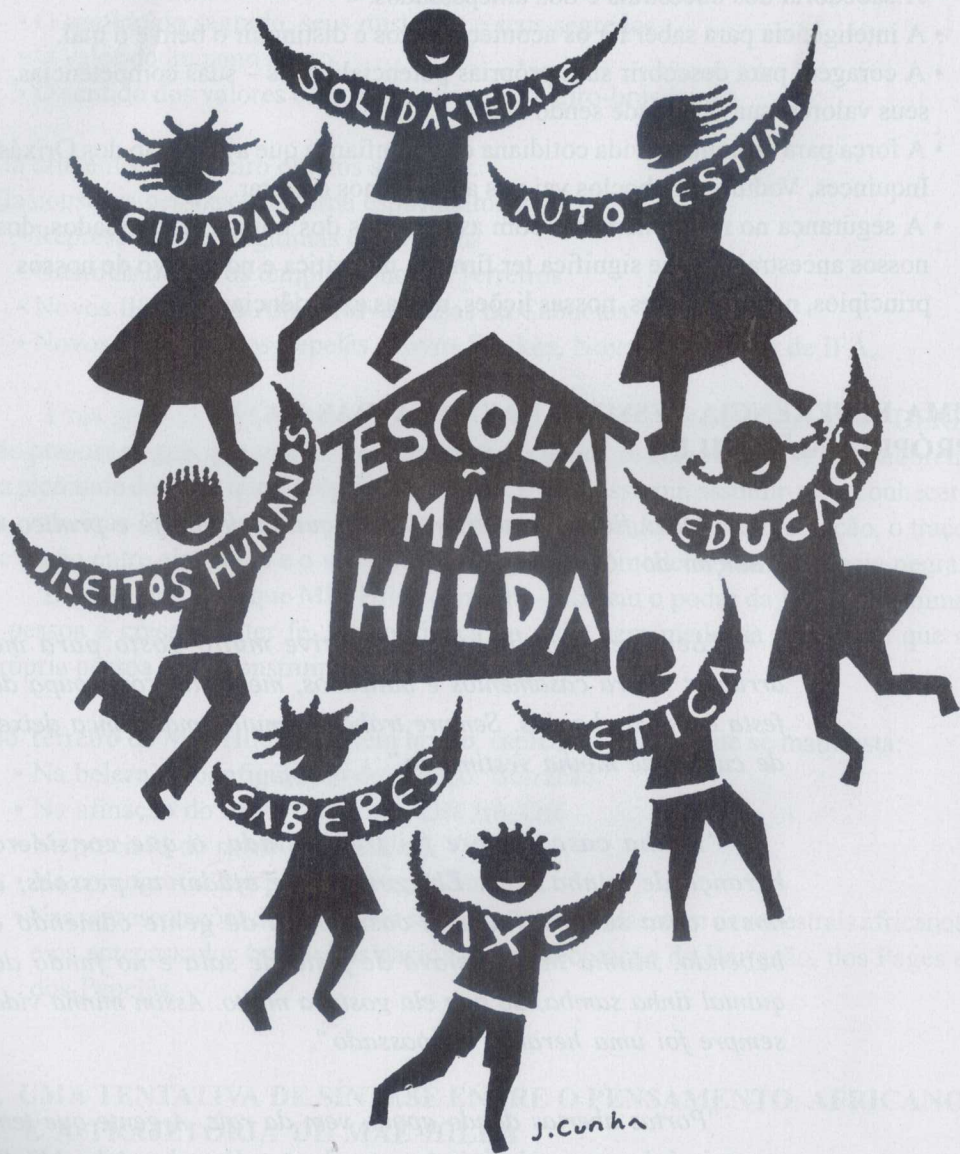
*“Sempre trabalhei e sempre tive muito gosto para me arrumar. Para casamentos e batizados, me vestia com roupa de festa e usava chapéus. Sempre trabalhei muito, mas nunca deixei de cuidar de minha vestimenta”.*

*“Minha casa sempre foi freqüentada, o que considero herança de minha Mãe. Ela gostava de ajudar as pessoas, a nossa casa sempre foi uma casa cheia de gente comendo e bebendo. Minha Mãe gostava de festa de sala e no fundo do quintal tinha samba, do que ela gostava muito. Assim minha vida sempre foi uma herança do passado”.*

*“Portas abertas dando apoio, vem da raiz. A gente que tem um princípio, esse princípio tem que brotar. Vem de minha Mãe”.*

Nesse contexto Mãe Hilda destaca: a criação do Ilê Aiyê é uma continuidade de trabalho que ela sempre realizou a partir do seu Terreiro.





## Ilê Gosto de Quero Mais

Sílvio Almeida e Davizinha

*Quando o Ilê Aiyê desfilar na avenida  
Quero poder novamente sentir a emoção  
Feliz da vida vou ficar, feliz da vida  
Quando o Ilê Aiyê desfilar na avenida*

*E desfilaremos sob essa linda chuva de papel  
Agradeceremos a esta homenagem com as mãos para o céu  
Com esta negrada que é simplesmente uma coisa gostosa  
Por onde passa espalha no ar um perfume de rosa*

*Ginga, ginga, vem gingar  
Vou gingar pra você aprender  
Ginga, ginga, vem gingar  
O gingado do Ilê Aiyê*

*Vem brincar no Ilê amor  
Que o Ilê é gostoso demais  
Vem provar do sabor que depois vai sentir  
Gosto de quero mais*

*Por toda comunidade criança de trança  
Já sabe o que quer  
Preservar nossa entidade  
E toda cultura com a força do axé*

*Todo sonho de menino  
É tocar na Band'Aiyê  
Todo sonho de menina  
É ser Deusa Negra do Ilê*

*Vem brincar no Ilê amor  
Que o Ilê é gostoso demais  
Vem provar do sabor que depois vai sentir  
Gosto de quero mais*





## 7. MÃE HILDA JITOLU: A MATRIARCA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A maioria das sociedades de linhagem da África pré-colonial era matrilinear. Isso significa que esses agrupamentos humanos tinham as mulheres no poder. Quando um homem, de outra linhagem, pretendia desposar uma mulher desse tipo de linhagem, ele se mudava definitivamente para esta sociedade, e passava a viver sob as regras desse novo grupo. A preferência era que o novo casal tivesse filhos do sexo feminino, a fim de fortalecer a linhagem. Assim sendo o território era matrilocal, a sucessão era matrilinear e o poder era matriarcal.

Os rituais de iniciação, de passagem e cerimônias outras, eram comandadas pelas mulheres – sacerdotisas, anciãs, guardiãs dos conhecimentos e segredos. A essa transmissão de conhecimento, podemos nominar de educação.

Existem várias lendas e fatos históricos que podem muito bem ilustrar o poder das mulheres nas sociedades africanas. Uma delas é a que se refere a uma sociedade secreta de mulheres, onde homens não podiam entrar. Um grupo de homens, curiosos para saber o que acontecia naquelas reuniões, resolveu se vestir de mulher e, disfarçados, conseguiram entrar e descobrir o segredo. Era uma sociedade religiosa.

Temos muitas heranças da tradição africana onde cabe à mulher a direção de vários segmentos. Desde o período pós-abolição, no Brasil, que as mulheres negras assumiram o posto de “cabeça do casal” e ainda hoje criam e educam seus filhos. Um dos exemplos mais fortes dessa herança é o fato da existência esmagadora de Iyalorixás, em especial aqui na Bahia.

---

*“Um Terreiro de Candomblé  
é uma casa de educação.  
Aqui é igual a uma escola”.*

Mãe Hilda

---

No mesmo espaço onde nasceu o Ilê Aiyê em novembro de 1974, quatorze anos depois, nascia a Escola Mãe Hilda.

Tudo começou em 1988, com pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem e as mães buscaram a filha de Mãe Hilda para dar uma “banca”. Depois surgiram outras crianças evadidas da rede pública com históricos de bi-repetência e indisciplina, que não podiam mais ficar na escola pública. E a notícia correu rápida que as “filhas de Mãe Hilda estavam ensinando e as crianças aprendendo e tinham até mudado o comportamento.” Um ano depois já não havia cadeiras suficientes para acomodar as crianças.

Mãe Hilda que sempre acreditou ser o seu Terreiro um espaço de educação formal, encorajou-se e pediu ao Secretário de Educação da época, Dr. Edvaldo Boaventura, algumas carteiras e equipamentos, mesmo usados, para atender àquela clientela. O seu pedido fora atendido e a Escola começou a funcionar no “barracão” das festas sagradas, com duas professoras, no mesmo espaço, atendendo aos alunos de níveis diferenciados. Era uma classe “multisseriada”.

A liberação do espaço do Terreiro para o funcionamento da Escola Mãe Hilda foi através de um ritual comandado pela Iyalorixá Jitolu, acompanhada dos filhos de Santo da casa. Neste ritual, rezado e cantado, Mãe Hilda pedia permissão aos orixás da casa e que abençoassem mais uma missão que lhe cabia.

Mãe Hilda acredita e afirma que um Terreiro de Candomblé é uma Escola, onde os iniciados aprendem a conviver na irmandade e solidariedade, vivenciando o aprendizado de uma religião que, apesar de não ter o registro escrito, usa a tradição oral e o aprender vendo e fazendo.

### HOMENAGEM ÀS MÃES PRETAS DO BRASIL

Mãe Hilda  
Mãe Preta do Brasil  
Sabe acalentar  
Sabe aconselhar  
Sabe qual a comida dos orixás

Cuida de tudo com carinho  
Dos filhos que amamentou  
E dos que não amamentou também

Cuida da fé  
Cuida da religião  
Cuida do negro  
Para que seja  
Um bom cidadão

Que as mães pretas  
Sejam parecidas com Mãe Hilda  
Nos acalentem  
Nos aconselhem  
Para sermos  
Negros felizes no Brasil

Produção coletiva dos alunos da 2ª Série, da Escola Mãe Hilda,  
durante as comemorações do Dia da Mãe Preta - 28/09/2001



## AS INFLUÊNCIAS DO TERREIRO SOBRE AS CRIANÇAS DA ESCOLA MÃE HILDA

A relação entre o conjunto de filhos e filhas de um Terreiro é de muito respeito, disciplina e obediência. O respeito aos mais velhos no Santo, independente de idade cronológica, o respeito às crianças, os cumprimentos, a bênção, o respeito à natureza e ao seu semelhante e o respeito a toda e qualquer religião, são práticas do dia-a-dia dentro da comunidade de um Terreiro. Os alunos da Escola Mãe Hilda convivem com esses valores e aprendem a viver nesse espaço naturalmente, e começam a ter novas posturas ao assimilarem esses valores. Temos alunos de várias religiões na Escola, pois o que eles aprendem é respeitar a religião do outro. Todos os alunos sabem que a Escola funciona no espaço sagrado do Terreiro, por isso eles não dizem palavras, porque não ouvem ninguém dizer. Essa “nova” postura das crianças tem refletido de forma positiva na família destes, segundo os depoimentos da maioria das mães.

A comunidade da Liberdade tem como referência maior o Ilê Aiyê. E para nossa surpresa, as crianças da Escola sabem as músicas do Bloco.

A partir daí, foi constatado que o Ilê era a grande motivação das crianças. Por isso elas buscavam tanto a escola, assim elas estariam mais próximas do alimento farto, do carinho, do respeito, da solidariedade, que são as práticas do Terreiro; da música e do toque que é a cultura do Ilê. As cores, o ritmo e a música lhes davam alegria, prazer e felicidade.

### A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Passou-se a usar a música do Ilê como instrumento/ferramenta para o trabalho com as crianças. As músicas passaram de uma atividade do simples “cantar para motivar” ou para “recreação” para ser a “lição” do dia, onde se podia interdisciplinarizar à vontade.

Na Escola Mãe Hilda não se ensina a religião do Candomblé. Na Escola os alunos aprendem acerca dos orixás, suas comidas, suas lendas e histórias, seus animais preferidos. O que é possível ser ensinado e esclarecido, as professoras ou até mesmo Mãe Hilda explicam. O sagrado e o segredo, segundo afirma a Iyalorixá, é restrito aos iniciados. “Candomblé não se ensina, vivencia-se”, é o que Mãe Hilda sempre afirma. Ela diz ainda que religião é da responsabilidade da família e não da Escola. O papel da Escola, segundo ela, “é ensinar as crianças a respeitar toda e qualquer religião”.

Cinco anos após a criação da Escola Mãe Hilda, em 1992, é fundada a Band’Erê, com as bênçãos de Mãe Hilda, dedicada às crianças e aos erês.

Para ela, essas crianças, além de serem a garantia do futuro do Ilê, seria mais uma escola que tiraria as crianças da rua e da faixa de risco.

Mas a condição para participar desse aprendizado era a criança ou o jovem estar estudando numa escola formal da rede pública. As crianças da Band’Erê além de aprenderem tocar percussão, dançar e cantar, têm aulas de cidadania e história das tradições africanas. Aprendem, através das lendas e narrativas dos educadores - a maior parte deles, filhos de Santo - a história dos orixás e a história de luta do povo negro no Brasil. Todas essas ações são acompanhadas carinhosamente por Mãe Hilda, sempre atenta e presente na Band’Erê. A prática pedagógica da Escola Mãe Hilda foi absorvida pela Band’Erê, onde as dificuldades de leitura e escrita foram minimizadas através da leitura das letras das músicas.

Quando falamos de uma prática pedagógica ancestral, nos referimos a uma transmissão de conhecimentos de mão dupla. Quando o educador e o educando se respeitam, o discípulo é o sujeito da história. A pedagogia do Terreiro nada mais é do que as práticas educativas de vida das sociedades africanas da África pré-colonial. Temos dificuldades de compreender como eram as sociedades primitivas enquanto organização social. O político, o cultural, o econômico, o religioso e o social estavam imbricados. O mesmo também acontece com as sociedades indígenas. A hora de pescar ou caçar é sempre antecedida de rituais de permissão, cantados e/ou dançados. É o trabalho e a religião juntos.

Nos foi imposto pela cultura européia um pensar e um agir departamentalizados, que exigem a existência de hora e local adequados e determinados para cada coisa. Assim, o indivíduo nunca é total, inteiro - ele é cortado em pedaços. O pensar africano é inteiro, integral. E é nessa educação que acreditamos. É a educação do Terreiro do Candomblé: humana, solidária e inacabada.

O Ilê Aiyê por ter nascido dentro do Ilê Axé Jitolu, herdou esses valores e, ao longo de três décadas, tem tentado honrar essa herança. A Escola Mãe Hilda e a Band’Erê herdaram os valores do Terreiro, atrelando-os à ludicidade cultural do Ilê Aiyê. Assim, todas as iniciativas da “Senzala do Barro Preto”, com as bênçãos de Jitolu, têm uma trajetória de sucesso.

A pedagogia da Escola Mãe Hilda e Band’Erê, fortalecida pelas canções, ritmo e cores do Ilê Aiyê, invade as escolas públicas do Curuzu e da Liberdade. O *PEP - PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA* do Ilê, criado em 1995, logo de saída, contou com o patrocínio financeiro, acompanhamento e avaliação da Fundação Odebrecht e a aquiescência da SEC e SMEC. O Projeto visava ampliar e sistematizar para as escolas da Liberdade, as ações educacionais que o Ilê já realizava desde a sua fundação, além das práticas pedagógicas da Escola Mãe Hilda e da Band’Erê.

O Projeto inicialmente envolveu as escolas Tereza Conceição Menezes, Celina Pinho e Duque de Caxias, da rede pública estadual, e o Abrigo dos Filhos do Povo, da rede pública municipal. Mais uma vez Mãe Hilda abriu as portas do seu Terreiro para abrigar professores, coordenadores e diretores das referidas escolas para terem uma formação acerca da história e da cultura afro-brasileira, desenvolverem o pensamento



crítico sobre questões como etnia, pluralidade cultural e análise do livro didático.

Enquanto esse grupo de educadores era formado na “Academia do Terreiro”, crianças e adolescentes das escolas envolvidas, sob a direção dos monitores do Ilê, participavam de oficinas de dança, percussão, trançados e amarrações no corpo e na cabeça. A mobilização dos estudantes daquelas escolas também se deu através de concursos artístico-literários nos quais os alunos eram estimulados a produzir poesias, redações e desenhos sobre temas ligados ao Projeto.

Atualmente, o Projeto de Extensão Pedagógica atua além do âmbito da Liberdade e já atingiu as escolas de outros bairros da cidade.

O compromisso e as preocupações de Mãe Hilda com o bem-estar da comunidade negra no plano espiritual, social, cultural e educacional faz dela a *Guardiã da Fé e da Tradição Africana*.



## Guardiã da Beleza Negra

Jucka Maneiro, Roberto Cruz e Sandoval

*Estrela guia  
Dona da sabedoria  
Da tradição, da religiosidade  
Solidifica, multiplica  
Essa herança africana  
Dando origem à ancestralidade  
És guardiã da beleza negra  
A mente sã de Abomey e Yorubá  
Analisa, consolida Mãe Preta  
O Ilê Aiyê vem te abençoar  
Mãe matriarca  
De ternura, graça e beleza  
Transformou todos os espinhos em flor  
Na trajetória da maternidade  
A igualdade pela negra cor*

*No ritmo xexerê  
No passo gegê nagô  
Venha dançar com o Ilê Aiyê  
Como Mãe Preta ensinou*

*Ilê colorido da vida  
Canto de jóia maior  
Axé Jitolu Mãe Hilda, de Oyó*

*Fecunda a prosperidade  
Em meras canções de amor  
Aos filhos amor e liberdade  
Dos orixás protetor*

*No ritmo xexerê  
No passo gegê nagô  
Venha dançar com o Ilê Aiyê  
Como Mãe Preta ensinou*

*Ilê colorido da vida  
Canto de jóia maior  
Axé Jitolu Mãe Hilda, de Oyó*



## 8. MÃE HILDA JITOLU - GUARDIÃ DO QUILOMBO DA RESISTÊNCIA E BELEZA

### O Ilê Aiyê sempre dedicou um capítulo especial à mulher

Pelo próprio fato de ter se estruturado sob a proteção espiritual de uma Iyalorixá e ter se orientado a partir de seus ensinamentos, o Ilê surge no Carnaval da Bahia com objetivos explícitos de valorizar a mulher negra numa sociedade que, historicamente, sempre quis oprimi-la.

Esta valorização vai acontecer em várias atividades do Ilê Aiyê, sendo que no Carnaval, festa maior do povo negro brasileiro, esta valorização além de ter grande expressão, também sintetiza todas as idéias do programa da entidade em relação à questão feminina.

Na tradição do Candomblé vamos encontrar diversas divindades femininas que com as suas energias ajudaram a manter a luta do povo negro brasileiro. São por demais populares, na Bahia, entidades como Yansã, Yemanjá e Oxum. De Yansã, o povo negro herdou o seu caráter guerreiro.

De Yemanjá, o povo negro herdou a preocupação com a educação, o ensinamento dos passos corretos na vida, a sabedoria para enfrentar momentos difíceis. E de Oxum, o povo negro herdou a capacidade de procriar, mesmo em momentos difíceis que tivemos, e temos ainda, aqui no Brasil, onde o racismo brasileiro opera no sentido, também, da nossa eliminação física. Essas três forças femininas, essas três energias, sem dúvida, ajudaram a construir os quilombos brasileiros e, também, o Ilê Aiyê. Principalmente porque o Ilê nasce no interior de um Terreiro de Candomblé, o Ilê Axé Jitolu, comandado por Mãe Hilda JITOLU.

Historicamente, afirma a antropóloga Maria de Lourdes Siqueira, o contexto em que o Ilê Aiyê foi criado faz parte de diferentes manifestações de protesto social na África, nas Américas, no Brasil e na Bahia. Em Salvador aumentam os Terreiros de Candomblé e em 1974 nasce o Ilê Aiyê, explicitando a questão étnica no processo de afirmação de uma identidade cultural, de origem africana, reconstruída.

Então se podemos afirmar que o Ilê Aiyê sempre dedicou um capítulo especial à mulher, é porque a entidade, desde o seu surgimento, já possuía compromissos com referenciais da ancestralidade africana. Compromissos assumidos por Mãe Hilda e seus Filhos de Santo que mais tarde se estenderam para toda a Família Ilê Aiyê.

## A mulher negra chefiando quilombos, articulando revoltas



### *Mãe Preta*

Jailson e Apolônio

### *Mãe Preta*

*Trinta anos de fé*

*Dos quais destinados*

*Ao culto do Candomblé*

*Eua colonaê didewá nagô*

*Agô agolonã*

*Eki maior didewá nijiê*

Ao homenagearmos Mãe Hilda, líder maior do Ilê Aiyê, não podemos deixar de fazer referência à linhagem que ela pertence.

Em se tratando da mulher, afirma a professora Arany Santana, nós negros temos uma referência forte acerca do papel da mulher, desde os mais remotos tempos de uma África milenar, quando na maioria das sociedades tradicionais a mulher era o centro de tudo. Essas sociedades estavam calcadas no matriarcalismo. E o que significava a mulher está no centro de tudo? Ontem, como hoje, temos exemplos de muitas mulheres que sempre lutaram contra a opressão em todas as sociedades. Não apenas lutaram mas também foram lideranças. A Rainha Nginga em Angola, lutando contra os portugueses. Dandara e Aqualtune no Quilombo de Palmares. E tantas e tantas mulheres, anônimas guerreiras que lutaram por um mundo melhor. Mãe Hilda pertence, também, a este tipo de linhagem. Ao proporcionar que do seu Terreiro surgisse um bloco afro com objetivos explícitos de combate ao racismo, em plena ditadura militar, e mais tarde, também, que do seu Terreiro surgissem várias ações educativas, sem dúvida, Mãe Hilda se alinha a uma tradição de mulheres lutadoras que não abriram mão de seus compromissos ancestrais oriundos das energias irradiadas por Iansã, Yemanjá e Oxum.



## O ILÊ AIYÊ CONSOLIDA E ATUALIZA A HOMENAGEM À MÃE PRETA

A data do 28 de setembro nos leva a um longínquo 1871, quando a elite branca, escravocrata brasileira decretou a chamada Lei do Ventre Livre. Esta lei foi uma das muitas feitas por esta elite para continuar lucrando com a escravidão dos africanos em nosso País. Ela tinha a ver, basicamente, com as mães escravizadas e crianças negras – a família negra da época. A lei rezava que todas as crianças nascidas a partir daquela data, 28 de setembro de 1871, não poderia ser mais escravizada.

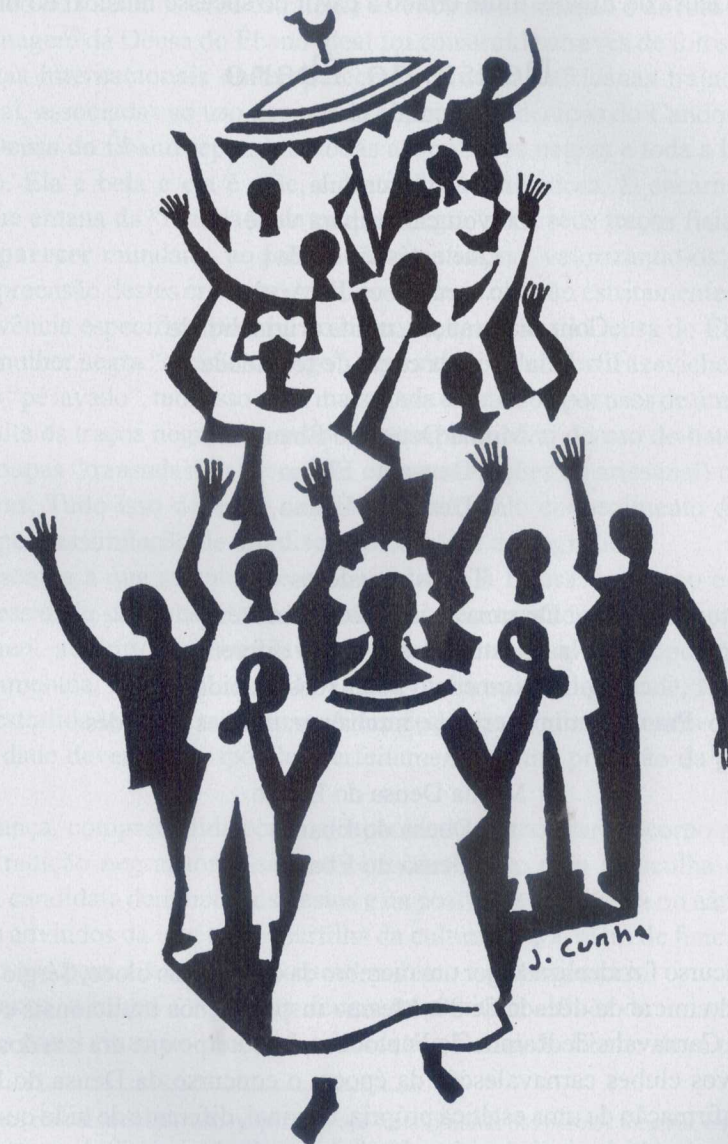
Segundo a historiadora Isabel Ferreira Reis, a violência do sistema escravista interferiu de forma muito cruel na experiência de vida familiar e afetiva do negro submetido ao cativo. A possibilidade de crianças ingênuas - aquelas que nasceram depois da Lei do Ventre Livre - permanecerem com suas mães dependia, em grande medida, dos desejos e interesses senhoriais. Uma outra questão importante, segundo a historiadora, é que a Lei do Ventre Livre, não tendo previsto os casos de abuso, não declarava que seria punido o senhor que separasse a mãe do filho. E quando acontecia esses casos de abuso, a mãe africana não tinha meios de recorrer às autoridades para reclamar dos seus direitos desrespeitados pela classe senhorial. Como ficou evidenciado, a despeito da lei, as crianças ingênuas tiveram, quase sempre, seus destinos nas mãos dos senhores ou ex-senhores de suas mães. Tal situação, certamente, se apresentou de forma muito mais precária no período anterior à Lei do Ventre Livre.

Em data mais recente, a ONU - União das Nações Unidas - estabeleceu o 28 de setembro como Dia Internacional do Aleitamento Materno, chamando a atenção do mundo da importância do leite das mães para a saúde das crianças.

Quando o Ilê Aiyê instituiu a Semana da Mãe Preta, a partir de 1979, foi para homenagear a Mãe mais importante do Bloco: Mãe Hilda. Ela, como Iyalorixá, simbolizava a Mãe guerreira que todos associados do Bloco tinham fé e respeito. Era a Mãe que tudo fazia para que o Ilê Aiyê - seu grande filho - sempre tivesse sucesso em seus empreendimentos. Mãe Hilda continua alimentando com "leite" bom todos os nossos associados, dando-lhes educação e não deixando os seus filhos desamparados. É graças à iniciativa de Mãe Hilda que é criada no Curuzu, em 1988, uma escola comunitária que leva seu nome com, entre outros objetivos, ensinar às crianças a respeitar o Candomblé. Mãe Hilda também ajuda a consolidar no Ilê, uma escola de arte e educação - a Band'Erê, em 1992. Foram essas duas instâncias educativas que permitiram a criação, em 1995, do Projeto de Extensão Pedagógica. Como nós vemos, é o trabalho educativo da Iyalorixá Hilda de Jitolu que permite ao Bloco Ilê Aiyê ampliar suas ações educativas a milhares de crianças, adolescentes e adultos do Curuzu, Liberdade e outros bairros da Cidade do Salvador.

Mãe é isso. Não desampara. A Lei do Ventre Livre criada pelos racistas brasileiros desampararam as mães e as crianças negras. O Ilê Aiyê ao instituir o Dia da Mãe

Preta em 1979 quer homenagear a todas as mulheres negras, mães ou não, que sempre lutaram contra o racismo brasileiro que permite o assassinato, ainda hoje, de centenas e centenas de crianças e jovens negros nas cidades brasileiras. Crianças e jovens assassinados pelas polícias militar e civil, pelas milícias para-militares, por justiceiros e muitos outros agentes a serviço de uma ideologia que prega o extermínio da população negra no Brasil.



## A FESTA DA BELEZA NEGRA

O texto sobre a Festa da Beleza Negra aqui apresentado, com pequenas modificações, é de autoria da Professora Rita Maia que concluiu tese de doutorado na UFBA, sobre esta temática.

A festa nasce com o nome de “Festa da Mais Bela Crioula”, em 1979, e depois é denominada “Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê”. Nela ocorre um concurso onde se escolhe a Deusa do Ébano, título criado a partir do sucesso musical do bloco:

### Deusa do Ébano

Geraldo Lima

Minha crioula

Eu vou cantar para você

Que estás tão linda

No meu Bloco Ilê Aiyê

Com suas tranças, muita originalidade

Pela avenida cheia de felicidade

Minha Deusa do Ébano

É Deusa do Ébano

É Deusa do Ébano

Todos os valores

De uma raça estão presentes

Na estrutura deste Bloco diferente

Por isto eu canto pelas ruas da cidade

Pra você minha crioula, minha cor, minhas verdades

Minha Deusa do Ébano

É Deusa do Ébano

É Deusa do Ébano

Este concurso foi idealizado por um membro da diretoria do bloco, Sérgio Roberto, pouco antes do início da década de 80. Mesmo inspirado nos tradicionais concursos de Rainha do Carnaval e de Rainha do Fantoches da Euterpe que era um dos maiores e mais seletivos clubes carnavalescos da época, o concurso da Deusa do Ébano já objetivava a afirmação de uma estética própria, original, diferente de tudo que já havia sido visto e carregada de sinais legitimadores da negritude.

A festa começa a tomar a sua forma a partir dos desfiles de moda “*transada*” que ocorriam espontânea e improvisadamente nos ensaios do bloco. A Festa é o espaço do prazer, da sedução e da juventude perfeitamente harmonizados com a atitude política de distinção, contestação e afirmação da negritude e da tradição.

Foi assim que ela se constituiu desde o início, como uma reação à discriminação racial que ocorre em outros concursos oficiais e “oficiosos” como os corriqueiros de “Rainhas do Milho”<sup>1</sup>, e uma afronta à idéia de “boa aparência” europeizante exigida no mercado de trabalho. Uma estratégia estética de afirmação e de luta da negritude.

A imagem da Deusa do Ébano ideal foi construída através de fotos e ilustrações de revistas internacionais onde apareciam princesas africanas trajadas ao modo tradicional, associadas ao uso dos tecidos, roupas e adereços do Candomblé.

A Deusa do Ébano representa todas as mulheres negras e toda a beleza do seu cotidiano. Ela é bela e ela é mãe, é festiva e trabalhadora. É encarnação de uma beleza que emana da “realidade da mulher negra”, dos seus traços fisionômicos, do **jeito de parecer** mundano, ao **jeito de ser** cotidiano, valorizando-os.

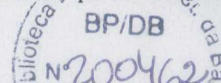
A apreensão destes critérios e padrões de beleza estão estritamente relacionados a uma vivência específica, própria do bloco. A candidata à Deusa do Ébano tem que ser uma mulher negra “cancão de fogo”, “reluzente”, do “perfil azeviche”, “pretona”, que tem o “pé lavado”, tudo isso seria mais ainda enfatizado por usos de uma maquiagem que ressalta os traços negros no rosto e no corpo que vai do uso do batom vermelho vivo às roupas “transadas” (alternativa, com amarrações ou artesanal) com panos de cores vivas. Tudo isso deve ser complementado pelo conhecimento da história do negro e pela assimilação de um discurso coerente de negritude.

A escolha a que se submete uma candidata à Deusa do Ébano é determinada pela necessidade de a manifestação do ideal de negritude deve decorrer de modo espontâneo, autêntico, exemplar, máximo e absoluto, sem oportunidade para questionamentos. Uma Deusa do Ébano deverá inspirar dignidade, força e traduzir uma ancestralidade negra orgulhosa. Além de portar um forte sentido de família, sua personalidade deverá corresponder perfeitamente a uma projeção da personalidade do bloco.

A dança, compreendida como a capacidade de mostrar no corpo a assimilação de uma tradição negra, torna-se o critério definitivo para a escolha da Deusa do Ébano. A candidata denuncia nos gestos e na postura, a existência ou não, dos hábitos corporais advindos da vivência e partilha da cultura negra, além de funcionar como o maior recurso para a sua aceitação pelo público e pelos jurados.

A dança, a roupa e a postura devem transmitir a altivez de uma rainha, pois é esse o seu papel ritual no bloco. A candidata a Deusa do Ébano deve transmitir um

<sup>1</sup> “Este concurso é realizado no período das festas juninas nas escolas formais, e visa a escolha da rainha da festa, que tradicionalmente é uma loira”.



significado moral, político e religioso e acima de tudo inspirar respeito. Sua aparência nunca deve ser negligente, nem submissa ou desavergonhada. Ela deve encarnar a energia e o Axé do bloco.

*Pela dança, a candidata a Deusa do Ébano incorpora toda uma liturgia musical do negro, do Ilê Aiyê que é belo, forte, heróico, amoroso, família, inteligente, vitorioso, religioso, o agente da sua própria história e o herdeiro de uma valorosa tradição*

No concurso, não há como determinar quem é mais ou menos bela, o que é valorizado é o espetáculo que a candidata oferece, e este possui um caráter efêmero. Este padrão de beleza é indefinido, espetacular e imprevisível e, por isso, torna-se extensível a qualquer mulher negra. Para o Ilê, todas as negras são belas.

*Por ter que centralizar todos os atributos do bloco, a sua escolha corresponde a uma espécie de renovação do universo do bloco, de todas as suas atividades. Através dela o mesmo, o eterno e o verdadeiro, retorna no novo. Durante um ano, e principalmente durante o Carnaval, ela torna-se o tipo ideal, o arquétipo, a encarnação do modelo do ser negro.*

Sua imagem da Deusa do Ébano deve ser gerada a partir do carisma do bloco, todavia os seus vínculos e aptidões pessoais e interiores não poderão sobrepujar jamais a imagem e a força simbólica do Ilê Aiyê.

*Sua escolha demarca o início e o fim do ciclo do bloco, é o último elemento para a renovação de mais um ano de atividades, para que tudo seja antigo e novo ao mesmo tempo.*

A Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, junto a toda a história do bloco, mostra que a festa, a aparência e a beleza, longe de serem aspectos superficiais das manifestações culturais, atuam como um dos elementos geradores de modificações sociais e individuais, sejam elas políticas, econômicas ou espirituais.

A partir desta festa ficou mais fácil para homens e mulheres negros “se assumirem” e usarem no cotidiano os atributos de uma beleza só sua, advinda daquilo que eles realmente são.

Além disso, e acima de tudo, os elementos de beleza que compõem a espetáculo da Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, dentro e fora do palco, atuaram e ainda atuam como pontos de partida e deflagradores de criações e experimentações que constituem o **jeito de ser** da negritude na teatralidade cotidiana da Bahia.

## ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Colaboração: Ana Célia da Silva

### 1 Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| (2) 20/11/1995                      | ( ) fundação do Proj. de Ext. Pedagógica                           |
| (1) 01 de novembro de 1974          | ( ) 06/01/1923   |
| (5) data do nascimento de Mãe Hilda | ( ) viagem a Serra da Barriga para evento dos 300 anos de Palmares |
| (3) 1988                            | ( ) criação da Escola Mãe Hilda                                    |
| (4) 1995                            | ( ) criação do Bloco Afro Ilê Aiyê                                 |

### 2 Ligue as palavras da 1ª coluna ao seu significado correspondente, na 2ª coluna:

- |                          |                                    |
|--------------------------|------------------------------------|
| Obaluayê                 | cidade de Oxum                     |
| Abonmey                  | Congo, Moçambique, Mali, Ghana     |
| Abeokutá                 | atual Benin                        |
| Juntó                    | segundo dono da cabeça da iniciada |
| Grandes reinos africanos | nome africano dado à iniciada      |
| Digina                   | o Velho, o que tem o dom da cura   |

### 3. Pesquise o significado dessas sociedades femininas secretas da África:

- Mawu
- Ezeli
- Nassissim
- Wagadu
- Geledés

### 4. Construa frases com os nomes das guerreiras africanas:

- Rainha Nzinga de Angola
- Dandara do Quilombo dos Palmares
- Aqualtune, mãe de Zumbi
- Mãe Hilda Jitolu

### 5. A partir da leitura do texto das páginas 38 e 39 promova uma discussão que contemple as seguintes idéias:

- a - O significado da maternidade e da paternidade para a família negra brasileira.
- b - A importância da participação masculina na criação dos filhos.
- c - Ser pai é um direito de todo homem. Ter um pai é um direito de toda criança.



## 6. Complete a letra da música em homenagem à Mãe Preta, Mãe Hilda.

Mãe preta  
Trinta anos de .....  
Dos quais destinados  
Ao culto do .....

Eua..... didewá .....  
Agô .....  
Eki ..... didewá ..... nijeô

## 7. Verifique no glossário o significado das seguintes palavras:

Alafins  
Axé  
Aiyê  
Deká  
Ifá  
Iyalorixá  
Ilê  
Jitolu  
Olorun  
Orun

## GLOSSÁRIO

- Abeokutá ----- Cidade do Reino Yorubá na Nigéria.  
Alafins ----- Reis, personagens sagrados entre os yorubás.  
Aiyê ----- a terra, o mundo visível.  
Axé ----- força vital que unifica a todos os seres humanos em todas as dimensões da vida.  
Banté ----- peça ritual das vestimentas de Oxum.  
Dahomé ----- antigo Dan-Homé, cuja capital era Abomey no interior das terras que hoje correspondem à República do Benin.  
Deká ----- conjunto de rituais que constituem o poder de Mãe de Santo - Iyalorixá, zeladora de Orixá.  
Digina ou Orukó - nome ritual.  
Iyá ----- Mãe.  
Ifá ----- o Orixá do oráculo, que tem o poder da leitura do mundo.  
Ilê ----- casa, mundo  
Iyalorixá ----- Mãe de Santo na religião de origem Yorubá.  
Jitolu ----- digina, nome ritual de Mãe Hilda Jitolu.  
Juntó ----- o Orixá que acompanha o Orixá principal que representa o guia espiritual de cada pessoa.  
Kekés ----- mimos.  
Olorun ----- a divindade maior, o Ser Supremo da religião africana de origem Yorubá.  
Orun ----- o lugar que equivale ao paraíso, o eterno, o infinito, o transcendental.  
Oxum ----- Orixá feminino das águas doces, originária do rio Oxum.  
Obaluaiyê ----- o Orixá responsável pela saúde, o médico do candomblé, filho de Nanã, irmão de Oxumaré. O dono da cabeça de Mãe Hilda Jitolu.  
Pegi ----- o espaço sagrado que guarda os Orixás.  
Pepelê ----- mesa para rituais.  
Ronkó ----- o lugar do recolhimento religioso dos iniciados das religiões africanas.  
Vodun ----- as entidades sobrenaturais da religião africana de origem gêge.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CADERNO DE EDUCAÇÃO “A Força das Raízes Africanas”. Volume IV. Bloco Ilê Aiyê. Projeto de Extensão Pedagógica. Salvador, 1996.
2. SILVA, Rita de Cássia Maia da. **Cor, cosmética e estilo: três discursos da Beleza Negra na Salvador contemporânea**. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
3. SILVA, Rita de Cássia Maia da. **Salvador; Ritos e espetáculos da negritude: o mundo negro do Ilê Aiyê no mercado simbólico da baianidade**. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
4. REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias da vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX**. Edufba. 2001.
5. SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô, Agô Lonan**. Mazza Edições. Belo Horizonte, 1998.
6. SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Os fundamentos africanos da religiosidade brasileira. In: **História do Negro no Brasil**. Vol. 1. O Negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. Org.: Kabengele Munanga. CNPQ e Fundação Palmares. Brasília, 2004.
7. SANTOS, Hilda Dias dos. **Mãe Hilda – A História da minha vida**. Editora EGBA. Salvador, 1997.

## FICHA CADASTRAL

Amigos e parceiros, para que possamos conhecê-los melhor e mantermos contato, favor preencher esta ficha e enviar para nossa entidade.

Rua do Curuzu, 288 - Liberdade - Cep. 40365-000 - Salvador - Bahia  
Tel.: 256.1013 - Fax: 256.1270 E-mail: ileaiye@uol.com.br

NOME.....  
ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....  
ENDEREÇO.....  
TELEFONE.....FAX.....  
E-MAIL.....  
ENTIDADE.....  
DATA DE FUNDAÇÃO.....DIREÇÃO.....  
PROJETO SOCIAL.....  
NÚMERO DE ALUNOS.....NÚMERO DE EDUCADORES.....  
ENDEREÇO.....  
TELEFONE.....FAX.....  
E-MAIL.....HOME PAGE.....

CORTE AQUI



# CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ

## EDIÇÕES ANTERIORES

1. Caderno de Educação  
Organizações de Resistência Negra
2. Caderno de Educação  
Civilização Bantu
3. Caderno de Educação  
Zumbi 300 Anos
4. Caderno de Educação  
A Força das Raízes Africanas
5. Caderno de Educação  
Pérolas Negras do Saber
6. Caderno de Educação  
Guiné Conakry
7. Caderno de Educação  
Revolta dos Búzios - 200 anos
8. Caderno de Educação  
Terra de Quilombo
9. Caderno de Educação  
África, Ventre Fértil do Mundo
10. Caderno de Educação  
Malês - A Revolução
11. Caderno de Educação  
A Rota dos Tambores no Maranhão





MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES